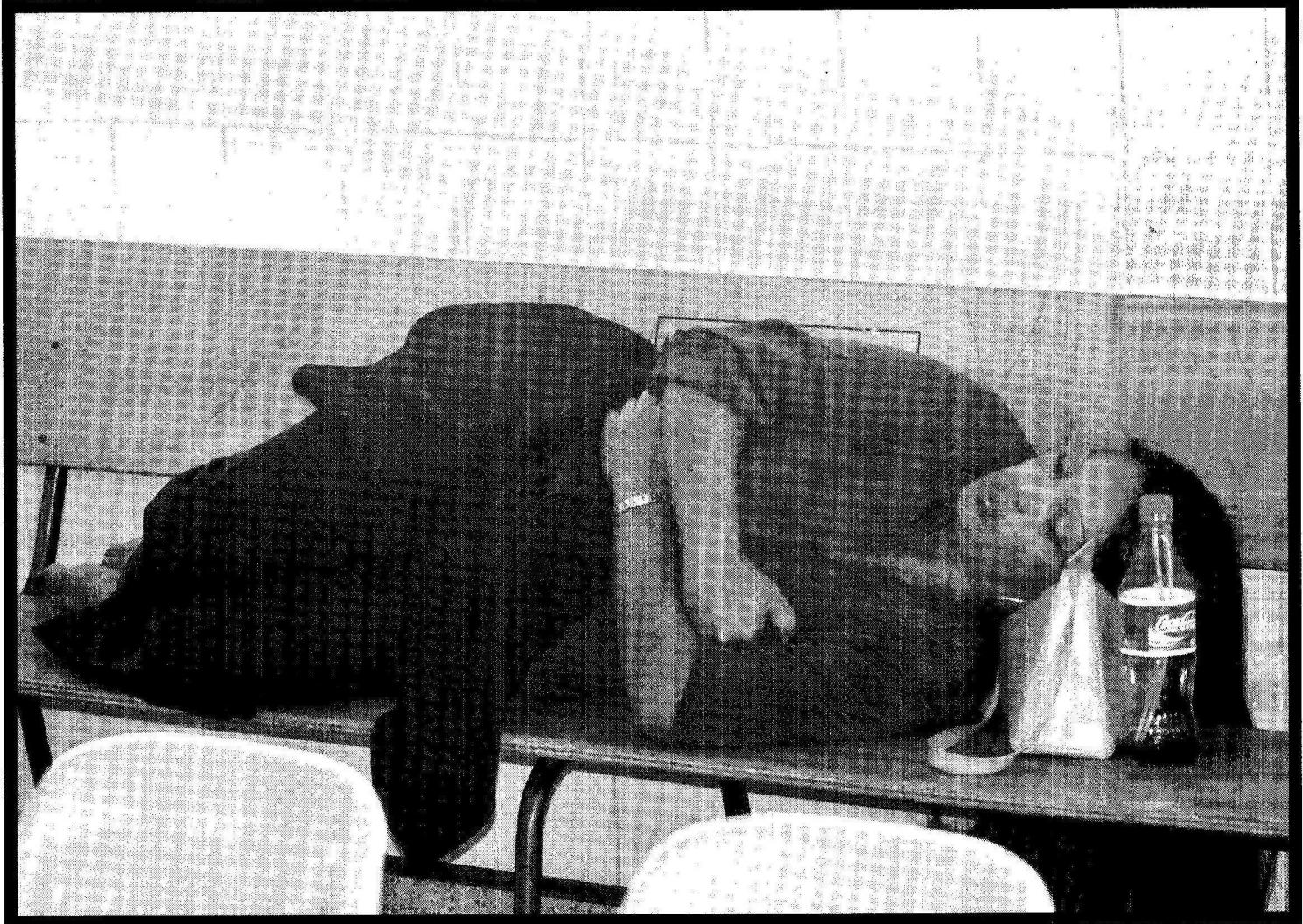


Médicos e MP denunciam problemas no Hospital de Ceilândia e dizem que ele não tem estrutura para o atendimento durante o carnaval

Paulo de Araújo/CB



MARIA ZÉLIA CHEGOU DE MANHÃ AO HOSPITAL E TEVE QUE ESPERAR DEITADA EM UM BANCO DE MADEIRA. ATÉ ÀS 17H AINDA NÃO HAVIA SIDO ATENDIDA

Sinal de alerta no HRC

RENATO ALVES E DARSE JÚNIOR

DA EQUIPE DO CORREIO

Médicos do Hospital Regional da Ceilândia (HRC) e o Ministério Público temem que a cidade mais populosa do Distrito Federal (são mais de 300 mil habitantes) enfrente problemas durante o carnaval porque unidade de saúde enfrenta a falta de profissionais, medicamentos e material hospitalar. Os médicos e o MP afirmam que o HRC não tem condições de atender pacientes que porventura sofram lesões, ferimentos e outros males durante e os quatro dias de festa, que deve receber cerca de 150 mil pessoas no *Ceilambódromo*, montado ao lado da Administração Regional.

A direção do HRC e diretores da Secretaria de Saúde asseguram que a denúncia não se justifica e garantem o atendimento médico. Explicam que o hospital recebeu reforço de enfermeiros e ambulâncias. Informaram ainda que há um estoque de remédios e material reservado para o período de carnaval. O diretor geral do HRC, Jorge Pitanga, afirmou que

a situação está sob controle. Ele disse acreditar que a superlotação é fruto de desinformação, pois as pessoas procuram o hospital para tratar de todos os tipos de doença, inclusive casos de menor gravidade. "Muitos problemas poderiam ser resolvidos nos postos médicos", observou. "O ideal seria nos procurar só nos casos de urgência e emergência", acrescentou.

Abaixo-assinado

As informações sobre condições precárias de atendimento do HRC partiram de 42 médicos da casa. Eles assinaram documento enviado ao Conselho Regional de Medicina (CRM) na última segunda-feira, abordando a situação do hospital e afirmando não ter possibilidade de atender a atual demanda, muito menos um número maior de pacientes em função do carnaval. Diante das reclamações, uma equipe do CRM fez quinta-feira uma vistoria no HRC. Em relatório enviado ao promotor de Justiça Jairo Bisol, da Promotoria de Defesa da Saúde (Pro-Sus), a equipe do CRM conta que, em função da superlota-

ção, pacientes são atendidos nos corredores, em macas de transporte e até em colchões colocados no chão.

Bisol enviou ontem ao secretário de Saúde, Arnaldo Bernardino, recomendação de providências urgentes para sanar os problemas apontados no relatório do CRM e garantir o atendimento às pessoas que procurarem o HRC no carnaval. "Se não houver condições de resolver tudo, o governo tem que avisar a população dos riscos que ela corre indo ao *Ceilambódromo*", disse Bisol.

Arnaldo Bernardino não foi encontrado para entrevista. O secretário-adjunto de Saúde afirmou quais as medidas que já foram tomadas: "Colocamos mais três ambulâncias (havia quatro) e aumentamos em 10% o número de enfermeiros", detalhou Mário Horta. Não haverá postos de saúde nem médicos e enfermeiros no *Ceilambódromo*. O atendimento de casos leves, como bebedeira e pequenos cortes, será feito por bombeiros. As unidades de resgate da corporação é que farão o transporte dos casos mais graves para os hospitais. Vítimas de traumas irão para o Hospital

de Base (HBDF) e queimados para o Hospital Regional da Asa Norte (Hran).

Demora

A sala de espera lotada revela parte dos problemas do HRC. A comerciante Maria Zélia Santana Silva, de 44 anos, chegou às 9h30 de ontem ao hospital, com dores nas costas e no peito. Não aguentou a espera e se deitou em um banco de madeira. Às 17h, ela ainda não havia sido atendida. "Infelizmente não tenho condição de pagar pelo serviço particular e sou obrigada a me submeter a essa situação humilhante. Nem água tem no bebedouro", reclamou o vendedor de carros Gelmiro de Matos, 45, que acompanhava a mulher.

A auxiliar de laboratório Semirimes da Silva Rodrigues, 25, enfrentou problema semelhante. Com diarréia, desnutrição e fraqueza, ela procurou o HRC às 13h. Também até às 17h não havia sido atendida. "Só preciso de um soro para ficar um pouco mais forte. Se é para continuar com esse atendimento vergonhoso, é melhor fechar o hospital", desabafou.